

## A análise como gestação

Ana Lúcia Ribeiro Viana<sup>1</sup>

*O início da vida consciente foi o final da ilusão, a ilusão de não ser, e a erupção do real. (Ian McEwan)*

**Resumo:** Este trabalho tem por objetivo abordar a temática do nascimento sob o olhar do psicanalista Otto Rank, defensor que o trauma ao nascer seria a causa de todas as angústias, e que a fantasia inconsciente de retorno ao útero é uma maneira de reverter o trauma. Também compara o processo analítico à gestação, onde a finalização do tratamento permitiria ao sujeito nascer de novo. Como enlace do tema, é utilizada a obra *Viagem ao Centro da Terra*, de Júlio Verne, que explora justamente o desejo de se alcançar o interior do planeta, de desbravar o desconhecido. Os conceitos de transferência e contratransferência, estudados por Heinrich Racker, costuram a analogia desta viagem.

**Palavras-chave:** Trauma, nascimento, gestação, fantasia, transferência, contratransferência, construção, fixação materna.

Ao abordar o nascimento e todas suas implicações psíquicas, soa como se estivéssemos relatando uma viagem. Da anterioridade, o encontro do óvulo ao espermatozoide, o início de um ciclo de desenvolvimento fetal, a primeira escuta ainda no ventre, os movimentos dos membros, as alternâncias de temperatura, a escuridão.

A história revisitada que antecede o parto pode ser lida tal uma expedição ao centro da Terra. E aqui, encontram-se ladeados dois autores que deixaram fluir a imaginação para marcar seu nome na psicanálise e na literatura: Otto Rank e Júlio Verne.

O que eles têm em comum é uma profunda curiosidade sobre os mistérios que circundam a origem da vida. Tantas outras imersões no tema se sucederam e até os dias atuais fazem remexer essa perplexidade que é a reprodução, o mistério feminino e a fantasia inconsciente de volta ao útero materno.

O escritor Júlio Verne (1828-1905) legou à humanidade uma obra fundamental para a ficção científica, *Viagem ao Centro da Terra*. O realismo fantástico emerge das páginas do livro publicado em 1864. Para o autor, as profundezas do planeta guardam um lugar mágico, onde existe um céu secundário com nuvens e algumas ilhas flutuantes.

O livro conversa intimamente com conceito de psicanálise abordado por Otto Rank, em *O trauma do nascimento*, lançado em 1924. Nascido em Viena, 20 anos após a publicação de

---

<sup>1</sup> Jornalista e candidata em formação no Círculo Psicanalítico do RS. Trabalho apresentado em Jornada do dia 29/10/2022.

Viagem... de Verne, Rank foi um dos primeiros discípulos de Freud e, por conta da repercussão desta obra, viu-se expulso do convívio de seu mestre, porém sem nunca deixar de incensá-lo ou de abandonar as teorias freudianas.

Para Rank (1884-1939), o trauma do parto nunca é reparado, curado. Bem como desenvolve em sua obra uma analogia sobre a situação analítica. Rank compara a análise à gestação, como se ao final do tratamento, o paciente fosse reviver o trauma. Na sua percepção, o processo é, também angustiante e doloroso, todavia, é uma forma de possibilitar uma nova oportunidade, porque essa separação entre analista e paciente é finalizada em um segundo nascimento, o que traria maior autonomia ao analisando.

Em sua obra, Rank (2016) afirma que a fantasia do segundo nascimento é o desejo de cura do paciente. Não são poucas vezes em que recorre à expressão “nascidos de novo”, comumente utilizada por pessoas que atravessam grandes desafios, traumas, lutos e doenças, como também quando concluem sua análise pessoal.

O paciente se considera o filho (espiritual) nascido de novo (do analista) [...] O paciente reproduz, por assim dizer, biologicamente, o período de gestação e, no fim da análise, na separação do objeto de substituição, ele reproduz o ato de nascimento, praticamente em todos os seus detalhes. E, assim, a análise se revela, em última instância, como sendo a relação ulterior do trauma, ainda não completamente superado, do nascimento. (RANK, 2016, p. 26-27)

## TRANSFERÊNCIA E CONTRATRANSFERÊNCIA

Para Freud, em seu texto *Construções na Análise* (1937), o propósito do trabalho analítico está centrado em induzir o paciente a abdicar de suas repressões e substituí-las por reações próximas a um estado de maturidade psíquica. Destaca a importância da transferência, a qual promove o retorno de vínculos afetivos, afrouxando o material reprimido e permitindo ao analista extrair a matéria-prima para conduzir o tratamento.

Um dos psicanalistas que abordou extensamente os conceitos de transferência e contratransferência, Heinrich Racker, aponta que o significado desta última se dá à função do analista dentro do processo psicanalítico de transformação interna. Ou seja, a capacidade de desvelar o profundo. Para Racker (1910-1961), o analista não está isento da neurose. Explica que a parte de sua libido ficou ligada na fantasia – aos objetos introjetados – e por conta disso é passível de ser transferida.

Entrelaçando a análise à viagem, temos como esta relação analista/paciente uma espécie de mapa a ser percorrido. A vantagem, se podemos chamar o escopo teórico do analista assim, baseia-se em sua bagagem e entendimento de si. O próprio Racker sublinha que esta superioridade está atrelada ao fato deste profissional já ter sido analisado, pois não está livre da neurose.

A relação direta com o paciente presta-se à transferência, uma vez que a escolha da profissão analítica em si se baseia – como todas as escolhas – nas relações de objeto de infância. E assim, como o conjunto de imagens, sentimentos e impulsos do paciente para com o analista, enquanto determinados pelo passado, é chamado transferência, e sua expressão patológica denominada neurose de transferência, assim também o conjunto de

imagens, sentimentos e impulsos do analista para com o paciente, enquanto determinados pelo passado, é chamado contratransferência, e sua expressão patológica poderia ser denominada neurose de contratransferência. (RACKER, 1986, p. 101)

## MÃE NATUREZA

Em *Viagem ao centro da Terra*, Verne ilumina a imaginação do leitor como a convidar para um passeio único. A narrativa se amplia com imagens. A escuta passa a ser visual, um conjunto metafórico que conversa intimamente com a associação livre, onde a elaboração passa, necessariamente, pelo entendimento do enraizamento de cada caso.

Os meus olhos, desabitados da luz, fecharam-se bruscamente. Quando consegui abri-los, fiquei ainda mais espantado do que maravilhado. Um vasto lençol de água, o começo de um lago ou de um oceano estendia-se a perder de vista. A margem, largamente aberta em meia lua, oferecia ao vazio uma areia fina, dourada, salpicada de pequenas conchas, onde viveram os primeiros seres da criação. (...) Era um verdadeiro oceano, com caprichoso contorno das margens terrestres, mas deserto e com um aspecto terrivelmente selvagem. (VERNE, p. 139)

Nota-se a grandiosidade da descrição, onde o ver anda de mãos dadas com a palavra, despertando, em cada leitor, a sua construção, a sua imagem do que seria o gérmen da criação.

Rank (2016), por sua vez, sinaliza que esse desejo, de comunhão e exploração da natureza, não passa de uma tentativa de tornar reversível o trauma do nascimento.

Na mitologia da natureza, encontramos os magníficos vestígios desse esforço de adaptação, que talvez seja o mais primitivo, tanto em sentido filogênico, quanto ontogênico. Pois o recém-nascido não poderia viver se não substituísse a mãe pela porção do mundo exterior que lhe é mais próxima e, por conseguinte, pelo mundo exterior em sua totalidade: primeiro, as mãos da parteira ou a água quente e, mais tarde, as fraldas, o berço, o quarto e assim por diante. Encontramos o equivalente filogênico desses fatos nos mitos, nos quais, primeiro, a terra tangível, depois o céu, justamente devido à sua inacessibilidade surgem como refúgios maternos e protetores. Antes da terra, por analogia com a vida intrauterina, a água representa a fonte primitiva materna: significado que também é atribuído ao sol, enquanto fonte de calor, e que se perpetua por todo o simbolismo do fogo. As montanhas, com suas grutas e cavernas e cobertas por florestas (cabelos), são consideradas nesses mitos uma enorme mãe primitiva, com um pronunciado caráter protetor. (RANK, 2016, p. 100-101)

Rank destaca a fixação infantil pela mãe, segundo ele, como a relação primordial puramente fisiológica entre a criança e o corpo materno. Fato que é transpassado para o processo analítico.

De modo equivocado, os pacientes identificam o analista com a mãe, transportando-se a si mesmos, em seus sonhos e em outras reações para a situação pré-natal. Com isso, a verdadeira libido de transferência, é uma libido

maternal, tal como ela se dá no elo fisiológico pré-natal entre a criança e a mãe. (RANK, 2016, p. 28)

Em Júlio Verne, a expedição para se alcançar o centro da Terra é repleta de percalços e de diálogos capazes de, metaforicamente, serem lidos como o tratamento psicanalítico. Na narrativa, que se passa no século 19, um pergaminho escrito por um alquimista do século 16 descreve a possibilidade de se alcançar o centro da Terra a partir de uma cratera do vulcão Sneffels, na Islândia. O professor Otto Lidenbrock, um cientista alemão, corajoso, curioso, bravo e impaciente, seu sobrinho Axel e o guia Hans, partem para o desconhecido.

A trajetória dos três aventureiros envolve florestas repletas de cogumelos dos mais variados tamanhos e cores, poços de profundidade desconhecida exalando água quente, corredores extremamente estreitos, alguns tão apertados que um homem mal conseguia se locomover, criaturas pré-históricas, e rios de lava ardente, onde qualquer escorregão seria fatal.

A bússola, aparelho indispensável para que o trio desemboque em seu destino, sofre uma alteração. Os ponteiros fixam o Norte onde seria o Sul. Sem perceberem que os polos estão trocados, os aventureiros seguiram firmemente as suas orientações.

O equívoco só é descoberto quando são resgatados por um grupo de pescadores italianos em Stromboli, após serem “vomitados do seio dos infernos”, como relata o narrador Axel.

Ah! Que viagem! Que maravilhosa viagem! Entrando por um vulcão tínhamos saído por outro, e esse outro estava situado a mais de mil e duzentas léguas do Sneffels, desse árido país da Islândia, nos confins do mundo! Os acasos dessa expedição tinham-nos atirado para uma das harmoniosas regiões da Terra [...] Havíamos deixado sobre as nossas cabeças o nevoeiro acinzentado das zonas geladas e encontrávamos o céu azul da Sicília. (VERNE, 2004, p. 206-207)

## O ANALISTA COMO ARQUEÓLOGO

Seria, então, o analista uma espécie de bússola? Alguém com a capacidade de orientar, de definir uma rota, de ser o mapa? E, tomando emprestado o texto de Verne, mesmo sendo falível e vulnerável às intempéries, ser o objeto de segurança do paciente? Em Viagem ao centro da Terra, nem o estrago e desorientação dos polos impediram a completude da jornada.

Retornar ao útero, renascer, ter uma segunda chance, vida nova. Não são poucas as expressões passíveis de serem cunhadas ao término do tratamento. É um trabalho hercúleo e vigoroso. Percorrer locais inóspitos, enfrentar animais pré-históricos, deixar-se levar pela força das águas para, finalmente, emergir. A superfície como respiro. Vida.

Em Freud de 1937 encontramos a analogia para finalizar este trabalho.

Qual é então a tarefa do analista? Ele tem que adivinhar, ou melhor construir o que foi esquecido, com base nos indícios deixados [...] Seu trabalho de construção – ou se preferirem, de reconstrução – mostra uma ampla coincidência com o do arqueólogo, que faz da escavação de uma localidade destruída e enterrada ou de uma edificação antiga. (FREUD, 2018, p. 330)

Para Freud, o analista tem uma vantagem sobre o arqueólogo, o material psíquico pode ser acessado por meio de repetições de reações oriundas dos primeiros anos de vida, enquanto o arqueólogo lida, invariavelmente, com o que foi completamente destruído.

É diferente com o objeto psíquico, cuja pré-história o analista procura levantar [...] Tudo de essencial está preservado, até mesmo o que parece inteiramente esquecido se acha presente em algum lugar e de algum modo, apenas soterrado, tornando indisponível para a pessoa. Como se sabe, é lícito duvidar que alguma formação psíquica sofra realmente uma destruição total. É apenas uma questão de técnica analítica se vamos conseguir trazer o que está oculto inteiramente à luz [...] E nossa comparação dos dois chega ao fim, pois a principal diferença entre eles consiste em que, para a arqueologia, a reconstrução é a meta e o fim dos esforços e, para a análise, a construção é apenas um trabalho prévio. (FREUD, 2018, p. 331-332)

## REFERÊNCIAS

FREUD S. (1937-1939), *Sigmund. Obras Completas Volume 19*. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo, Companhia das Letras, 2018.

RACKER H. *Estudos sobre Técnica Psicanalítica*, Rio Grande do Sul, Artes Médicas, 1986.

RANK, O. *O trauma do nascimento e seu significado para a Psicanálise*, São Paulo, Cienbook, 2016.

VERNE J. *Viagem ao Centro da Terra*, Coleção obra-prima de cada autor, São Paulo, Martin Claret, 2004.